

RIO, 1917

Lúcio Rangel

CIÊNCIA



Era então ministro da França no Brasil o grande poeta Paul Claudel. Chegando ao Rio de Janeiro no dia 1 de Fevereiro de 1917, o secretário da Embaixada Darius Milhaud logo ocupou as dependências a ele reservadas no prédio da Legação de França, situado à rua Paissandú, "uma rua plantada com palmeiras reais, originárias da ilha Bourbon, cujo tronco atinge algumas vezes setenta metros de altura e em cujo topo balança um tufo de palmas de mais de sete metros". E' sobre a nossa cidade que Milhaud, hoje considerado um dos maiores músicos contemporâneos, dedica um capítulo do seu livro de memórias — *Notes sans Musique*.

Espírito ágil e curioso, tudo provoca seus comentários, algumas vezes agudos, algumas vezes pitorescos. Fala, evidentemente, da baía de Guanabara, da Avenida Rio Branco, tão larga, e da rua do Ouvidor, tão estreita! Por entre as casas de antiguidades situadas no centro da cidade, descobre maravilhado os "deliciosos" refrescos de manga e de côco. Vai ao Outeiro da Glória e faz um passeio a Copacabana, onde existiam "algumas casas". Visita a Tijuca e Niterói. Passa ao Jardim Botânico, ao Corcovado e às Paineiras, conhece Petrópolis, numa ânsia de tudo ver de perto, de sentir o Rio, o mais rapidamente possível.

Mas estamos no mês de Fevereiro e o carnaval carioca não tarda. Os jornais anunciavam a formação de clubes carnavalescos, os nomes de seus presidentes, seus secretários e membros das diretorias. Esses pequenos grupos reúnem-se diariamente e gastam consideráveis somas de dinheiro na confecção de fantasias ornadas

de múltiplas penas de avestruz. (Esse detalhe impressionou muito a Milhaud, não fôsse ele francês). Seis semanas antes da grande festa, cordões perambulam pelas ruas, nos sábados e domingos. Tocam violas e "choucalha", um instrumento de percussão que ele descreve minuciosamente, o nosso conhecidíssimo chocalho. Um dos principais divertimentos dos dançarinos consiste em improvisar palavras sobre uma determinada ária que tocam sem parar. O improvisador ou solista deve inventar sempre novas palavras, se faltar a imaginação é logo substituído por outro. A monotonia dessa incessante ladainha é salva pelo ritmo lancinante e acaba por criar uma espécie de hipnose nos diversos dançarinos.

Nos clubes populares a frequência é muito mais elegante. A diretoria escolhe cada dia uma cor diferente para os vestidos das damas. As dançarinas negras são, em sua maior parte, domésticas, usam os vestidos das patroas e, algumas vezes, seus nomes e títulos. Certa noite, Milhaud ouviu anunciar o "senhor presidente do Senado" e o "senhor Ministro da Inglaterra", aparecendo, logo a seguir, dois negros endomingados. O povo dança e canta com paixão durante seis semanas, é o carnaval carioca.

De todas as canções que ouviu, Milhaud destaca o "Pelo Telefone" (sic), que dominou toda a cidade. Em seu livro não fala do autor desse samba, o Ernesto Santos, Donga, como todos sabemos. Mas refere-se a um pianista que tocava em um dos cinemas da avenida Rio Branco, "um dos melhores autores do gênero", Ernesto Nazareth. "Seu jôgo fluido,

Com o "Bretagne", o luxuoso transatlântico francês, chegou o Senhor Robert Vermeijoul, um professor muito sábio. Ultimamente ele vem se dedicando a uma tarefa estranha, qual seja a de substituir corações. Sim, o Senhor Vermeijoul tem usado de todos os recursos da sua ciência e tem se saído muito bem nas experiências feitas com cachorros. Agora, segundo ele mesmo afirmou aos jornalistas que compareceram ao seu desembarque, está aperfeiçoando a sua técnica, para executar a troca de corações humanos.

Que fiquem sossegados porém, os que sofrem do mal de amor. Monsieur Vermeijoul vem ao Brasil convidado pelos corpos docentes das faculdades de medicina do Rio e de São Paulo a fim de fazer umas quantas conferências sobre cirurgia cardíaca.

E se não viesse? E se estivesse disposto a realizar suas famosas operações? Quanta gente haveria disposta a trocar de coração? E quanta gente existe ainda com autoridade para dispor do próprio coração?

desconcertante e triste ajudou-me a melhor compreender a alma brasileira".

São recordações, algumas vezes ingênuas, de um francês que nos visitou em 1917 e que, escrevendo trinta anos mais tarde as suas memórias, ainda tem palavras carinhosas e compreensivas para a nossa gente humilde que ele viu de perto, naquele tempo em que Copacabana tinha "algumas casas", em que o limão de cheiro custava um vintém, em que o caracol era o mais bem-humorado do mundo.

ÁGUA E TERRA

E' possível que o sr. Getúlio Vargas tenha viajado mais pelo Brasil do que eu. Em todo caso já viajei bastante; e talvez, usando de espírito de colaboração (sinto-me, hoje, suavemente udenista) eu possa lhe lembrar algumas coisas remotas e esquecidas sobre este país.

Em S. Vicente o presidente prometeu facilitar a instalação de serviço de água em mais de mil e quinhentos municípios brasileiros. Para isso usará o dinheiro dos bancos, coixas e institutos federais, e mesmo as reservas técnicas das companhias particulares de seguros. Por falar nisso é bom lembrar que a saudosa Constituição de 37 prescrevia, entre outras coisas, a nacionalização dos seguros. Nosso governo, como já fizeram muitos outros, liquidaria as companhias particulares, chamando a si essa indústria altamente rendosa. E' claro que a medida iria contrariar altíssimos interesses privados. Mas naquele regime "não havia intermediários entre o governo e o povo". Não havia oposição na Câmara. Não havia Câmara. Qualquer "reforma administrativa" poderia ser feita à vontade, do dia para a noite, com uma simples penada do presidente. E se a imprensa alugasse suas colunas aos "tubarões" para defender os interesses dos plutocratas contra a Nação, havia a censura. Em resumo, o presidente estava com a faca e o queijo na mão. E as companhias particulares de seguro continuaram particulares e seguríssimas.

Mas não vamos lembrar coisas da Ditadura, agora que somos governados por um presidente tão democrático. Vamos aceitar sua promessa de dar água a 1.500 municípios. E quero lembrar ao presidente um município esquecido, desprezado, que ele talvez não conheça. Não, não estou me referindo a Cachoeiro de Itapemirim. Lá tem água, e água muito boa, do Itapemirim, e com essa água foi batizado este obscuro cristão. O município a que me refiro fica no litoral, espremido entre o mar e as montanhas e se chama S. Sebastião do Rio de Janeiro. Se o presidente tiver coragem, que faça uma visita aos distritos assolados pela seca — e ouça as lindas coisas que os pais e até mesmo as mães de família dizem baixinho, pela manhã, quando abrem a torneira. São coisas que não costumam ser ditas pela "Voz do Brasil", mas não deixam de ser interessantes; são, pelo menos, muito expressivas.

Talvez o presidente não queira se aventurar a tão distante município, habitado por tribos meio selvagens e turbulentas, mesmo porque agora vamos ter reforma agrária com repartição de terras. Não pensem que vou indicar ao presidente, a propósito disso, a existência de uma enorme estância no sul do país — que ele talvez não conheça. Não. Eu hoje estou suavemente udenista.

RUBEM BRAGA



— Eis, Senhor, que finalmente trago a vossa presença aquele que tanto contribuiu para o aumento do vosso rebanho